
**A RADICAL CAPACIDADE DE AMAR, OU,
O AMOR RADICAL EM PAULO FREIRE,
JOE KINCHELOE E JESUS GOMEZ, NOSSO ETERNO PATO**

***THE RADICAL CAPACITY TO LOVE, OR THE RADICAL LOVE IN PAULO
FREIRE, JOE KINCHELOE AND JESÚS GÓMEZ, OUR ETERNAL PATO***

Ana Maria Araújo Freire

TRABAJO SOCIAL GLOBAL 2010, 1 (2) 234-241

<http://tsghipatiaeditorial.com/index.php/tsg1>

Ao pensar sobre a radical capacidade de amar, não há como não tomar como exemplos para minha reflexão as vidas de PAULO FREIRE, de JOE KINCHELOE e de JESUS GOMEZ, nosso eterno PATO. Quero refletir sobre o amor radical sob o ponto de vista das emoções, do sentir, do chorar a perda, do vazio que se abre com a ausência do ser amado, embora sabendo que são indissociáveis o sentir, o viver e o amar do *pensar*, do *existenciar-se* e do *radicalizar-se* no mais profundo humanismo.

Disse a Shirley que sabia o que ela sentira quando lhe disseram que Joe *partira*: uma certeza, mais do que uma sensação, de que a vida não bate mais em nosso peito, que partimos junto com o nosso companheiro. Que depois do espanto e da dor profunda nos perguntamos diuturnamente se vale a pena continuarmos lutando neste mundo. Nosso corpo inteiro, nosso *corpo consciente*, continua doendo porque, na verdade, parte dele se foi.

Joe, como Paulo, não nos deu “aviso prévio”, certamente não por nos desprezar, mas para não antecipar dor tão profunda que sabiam penalizaria todo o nosso ser. Eles sabiam o quanto a ausência deles nos atingiria.

Desde que conheci Joe em minha casa e de Paulo, na Rua Valença, 170, em São Paulo, há muitos anos atrás, quando ele e Shirley almoçaram conosco e comeram pela primeira vez jabuticabas, tiradas do pé na hora da sobremesa, chamou-me a atenção a pessoa de Joe. Um homem bonito --- apaixonado por sua bela mulher ruiva cheia de vitalidade --- com qualidades morais e éticas rapidamente perceptíveis. Com uma bondade aparente.

Desde então, eu me recordo dele como o homem do sorriso fácil e doce, que demonstrava alegria e tranqüilidade; prestando atenção a todos e a todas que a ele e *com* ele falavam trocando idéias, demonstrando sempre uma **amorosidade** enorme por tudo e por todos, mesmo após doença e operação cirúrgica tão grave a que se submeteu. Nunca perdeu a esperança de uma vida melhor para todos e todas evidenciada por suas enormes gargalhadas.

Devo a Joe Kincheloe, certamente mais do que a Shirley, reconhecer a minha presença de colaboração, de amizade e de amorosidade pelo meu marido, com a criação do **The Paulo and Nita Freire Internacional Project for Critical Pedagogy**, que se alonga agora na **Asociación de las amigas y los amigos de Paulo y Nita Freire para el desarrollo de la educación cirtica**. Recebi a criação desses centros de estudos e pesquisas como uma enorme prova de amor radical de Joe a Paulo e a mim.

Quando alguém me pergunta quem é Pato? Quem foi Pato? Respondo sem titubear e sem ter nenhuma dúvida: Pato foi e continua sendo, mesmo depois de anos de sua partida, o meu mais fraterno amigo! Jesús Javier Gómez Alonso, Pato. Simplesmente Pato para mim e para todos e todas que o amaram radicalmente.

Quero e devo dizer após esta afirmação de que sou muito exigente no que considero “ser meu amigo”, pois, só considero ter amizade por uma pessoa, homem ou mulher, quando tenho certeza da autenticidade e reciprocidade desse sentimento. Se ele é pleno de delicadeza, de ternura e de refinamento. A amizade é certamente um dos sentimentos mais nobres que um ser humano nutre por outro e se orgulha de ter sido ou ser alvo desse mesmo envolvimento por outro ou outra. Foi o que aconteceu e permanece acontecendo na minha relação com Pato, mesmo após a sua ausência física.

Conheci Pato quando desembarquei, com Paulo, em Barcelona, no verão de 1994. Sua figura de homem logo me impressionou. Ele reunia em si cortesia, com um sorriso largo e feliz. Era um homem muito bonito e sedutor. Tinha fáceis risos, intensos e francos, autênticos. Radicalmente autênticos. Gargalhava com facilidade. Contaminava a todos e todas que estivessem ao seu lado *com e para o gosto de Viver*.

Tinha um prazer que só os generosos têm: comer o que é bom e gostoso; beber o bom vinho e dividir esse prazer, com amor, alegria e dadivosidade com seus amigos e amigas. Logo na primeira noite ele nos introduziu a este “bem comer”, num antigo e fantástico restaurante no bairro velho de Barcelona. Serviu-nos uma sucessão de quitutes regionais, os mais especiais, e de vinhos, os mais requintados da Espanha. Não posso esquecer também de um outro banquete que ele nos ofereceu, a mim e a Paulo, desviando o caminho de Empúrias a Madri, neste mesmo julho de 1994, para nos oferecer uma das comidas mais gostosas e vinhos espanhóis que já degustei. Um almoço que só ele sabia proporcionar aos amigos e amigas. Anos mais tarde, outro banquete ele ofereceu com amor aos que participaram de sua banca de exame de doutoramento pela Universidade de Barcelona. Como sempre, as melhores comidas, os melhores vinhos e as melhores conversas.

Tínhamos, eu e Paulo, ido lá para atender a um convite de algumas Deputaciones da Espanha e da Universidade de Barcelona para um tempo de trabalho, mas na realidade foi mais um tempo de alegrias. Trabalhamos, trabalhamos muito, mas a felicidade era muito maior do que o cansaço resultante de reflexões tão profundas por uma educação melhor, epistemológica, política e eticamente falando. Este tempo nos possibilitou estabelecermos uma relação de amizade e de respeito que, mesmo a distância e a pouca freqüência com que nos encontrávamos, não fez diminuir de intensidade a aproximação estabelecida naquela ocasião entre nós e Pato. Redundou em raízes tão profundas quanto prazerosas de uma verdadeira relação radical de amor-amizade.

Em abril de 2003, ele foi até Palma de Mayorca encontrar-me. Eu sozinha, tristemente sozinha, atendendo compromissos com a Deputación de Valencia, recebi-o com extrema alegria. Ele foi não somente para me ver, mas também para me convidar para fazer parte de sua banca de doutoramento. O avião atrasou muito o vôo e assim nos negou uma longa tarde de conversas de “matar saudades”. Ficamos menos de duas horas juntos, mas com tempo suficiente para eu dizer o meu “Sim” e para revermos e revivermos momentos felizes de nossas vidas. Conversas cheias de amor por quem a nós eram caros e pela Vida mesma em si.

Assim, Paulo foi o centro de nossa conversa. Sua capacidade de respeitar, de amar e de ser tolerante. Quanto mais dele nos lembrávamos, mais saudades dele tínhamos. A conversa nos aguçou a certeza da precariedade da vida, mas contraditoriamente, que ela é o bem maior que recebemos, absolutamente gratuita, do Criador.

Sempre considerei um enorme gesto de generosidade este convite de Pato para que eu fosse um dos membros de sua Banca Examinadora. Poderia mesmo eu interrogá-lo? Examiná-lo? Ele sabia das relações humanas e de amor tanto quanto eu... Talvez mais do que eu. E sua Tese Doutoral era basicamente sobre o amor: a transformação da intimidade, o amor como paixão, o caos do amor, a experiência do amor...

Guardo o dia em que o examinei como um dos que mais me orgulho como uma acadêmica, mas entendo que este convite ultrapassou o considerar-me uma intelectual: **foi a maior prova de amor radical que Pato me deu.**

Nesta ocasião, dois dias depois, ele fez questão de me levar ao mesmo restaurante onde nos deliciamos em 1994, agora com Ramón, não mais com Lúcia, que precisou ficar em Barcelona. Sem Paulo. Generoso, sensível e simples como são todos os grandes homens, Pato gostava de dar alegria, de distribuir o que tinha e podia si, de oferecer-se aos seus entes queridos. Assim, por este seu espírito iluminado voltamos ao mesmo lugar onde tínhamos apreciado, anos antes, o “manjar dos deuses”, agora homenageando Paulo e a nossa grande amizade. Minha com Pato e com Ramón.

Vejo Pato como a voz que sabia falar e sabia silenciar. Com solidariedade e cortesia. Com respeito, amizade e fraternidade. Com amor. Com amor radical.

Quantas vezes ele soube escutar-me nas minhas dores e decepções, sempre me encorajando a continuar a Vida! Ele sabia que a vida é preciosa, que é nosso bem maior porque ele sabia amar. Amar verdadeiramente como muito pouca gente sabe amar. Teve coragem de amar até o fim de sua vida. Por isso resolveu que deveria, com sua bem amada mulher, Lúcia, fazer uma nova vida, Ainara.

Não há como esquecer Pato. Ele permanece para sempre no meu coração. Na minha vida. A ele toda a minha amizade, carinho e amor. Muito obrigado por ter existido, Jesús Javier Gómez Alonso! Simplesmente Pato para mim, para Paulo e para uma centena de amigos e amigas que fez em sua vida, infelizmente tão breve, tão curta.

Os 10 anos vividos juntos como esposa-companheira e colaboradora de Paulo me deram uma alegria e satisfação existencial que somente homens dotados das virtudes que ele teve podem oferecer a quem com eles compartilha a vida. Considero-me, sem prepotência, mas com “orgulho bem comportado”, como ele mesmo gostava de dizer, uma pessoa privilegiada por ter sido *objeto primário do amor* desse homem que teve uma capacidade quase infinita de amar e de se oferecer ao amor. De amar o mais radicalmente que se pode amar.

Foi por essa coragem de amar, que Paulo se fez o pedagogo dos oprimidos e das oprimidas do mundo. Paulo não foi a estes e estas por um desejo intelectualista, por uma obrigação ordenada pelas leituras de Marx. Não! Paulo foi primeiro ao povo, por amor, e depois é que foi estudar Marx para entender melhor o que se passava no seu *corpo consciente*, que o inquietava e fazia sofrer diante das atrocidades, da malvez e da anti-eticidade dos poderosos. Paulo foi ao povo para escutá-lo, para ensiná-lo de que há possibilidades, pela educação, de nos fazermos homens e mulheres sujeitos da história, porque nunca desprezou na sua sensibilidade a importância de estar com o outro e a outra, com amor radical, em comunhão. Porque nunca negou a forma máxima de exprimir suas emoções e sentimentos nascidos em seu corpo desde sua mais tenra idade: amar como um direito/dever de quem quer estar no mundo para **exis-**

tenciar-se plenamente. Para humanizar-se autenticamente. Para ser um *ser mais*. Para Paulo, somente *pele* e *com* o amor, ao lado das raivas legítimas, dialeticamente, se pode fazer a **denúncia** do feio e do inaceitável que traz, contraditoriamente, o **anúncio** da possibilidade das transformações éticas para um **novo mundo**.

Há nas entranhas dos escritos de Paulo, advindas do modo como ele se fez homem e educador, duas instâncias fundamentais na constituição deste seu *ser*, das preocupações que o fizeram deixar sentir as emoções que o mobilizavam para as ações éticas e para o refletir sobre estas e sobre os seus *quefa-zer* entre nós, *no* e *com* o mundo. A primeira foi a de aperfeiçoar as suas virtudes, que teve como inspiração e modelo a Paidéia grega. A segunda foi a sua recifencidade, a sua maneira de ser gente, a sua *gentidade*, profundamente arraigada na realidade e no modo de ser de sua gente, da gente da nossa muito amada Recife.

Contraditoriamente, Paulo teve, pois, ao mesmo tempo esse comportamento radicalmente recifense, metido nas misérias nordestinas, e, por outro, pautado pela busca dos ideais da *aretê* grega, o de educar as virtudes --- mesmo que na Grécia Antiga, a educação estivesse voltada para a educação da aristocracia. Ambas essas influências *encharcam*, usando um termo dele mesmo, todo o seu comportamento, toda a sua teoria educacional, a sua *leitura de mundo*. Realidades diferentes, em espaço e em tempo, mas convergentes na humanidade contida na ancestralidade milenar dos humanos e na amorosidade própria de Paulo, que marcaram o seu corpo e a sua mente. Esse foi o caminho que Paulo, intencionalmente buscou, com curiosidade epistemológica e com emoções verdadeiras para a concretização da **democracia** através da **educação** e da **cultura**, para “um mundo onde seja mais fácil amar”. Para a dignificação dos homens e das mulheres de todo o mundo.

Por que homem simples, humilde e dádivo, ao mesmo tempo famoso, ousado e denunciador das violências contra os oprimidos e as oprimidas do mundo foi Paulo *tomado* inteiramente pelo mais nobre e profundo sentimento humano, o amar e fazer-se amado?

Mais do que uma hipótese, acredito que Paulo se educou enquanto homem preocupado em construir nele próprio as virtudes do respeito, da tolerância, da humildade, da coerência, da solidariedade e da amizade, lastro para um perfil de comportamento ético e de grandeza moral que ganha sua maior relevância na sua enorme capacidade de amar. De amar radicalmente. Não tenho dúvidas de que, à moda dos pedagogos da Grécia Antiga, Paulo foi buscar a *razão de ser* para a sua vida na *aretê* grega, na educação de suas emoções e virtudes, antes mesmo --- aqui não me refiro ao tempo, mas à busca do seu endereço ontológico --- do que na educação de sua vida inteligente.

Paulo e sua teoria do conhecimento, a qual ele mesmo preferia chamar, humildemente, de “uma certa compreensão ético-crítico da educação”, caracteriza-se, pois, por conter uma atitude frente à vida para respeitá-la e dignificá-la, qualquer que seja ela. Para possibilitar a **autonomia** através da **libertação**

dos homens e das mulheres. Criada a partir do seu sentir, de suas emoções, de suas intuições, sempre atento às obviedades e às suas experiências recifenses e das reflexões provocadas pela leitura de um sem número de filósofos, sociólogos, educadores e antropólogos, mas sempre orientado por sua **radical capacidade de amar**, a serviço, sobretudo, dos oprimidos e excluídos.

A insistência de Paulo no processo de *conscientização* traduz o movimento contrário ao da maioria dos teóricos que é o de esconder a realidade e o que sabem para não divulgarem para “qualquer um” o saber que deve continuar privilégio de alguns, dos dominantes. Esconder e camuflar através das ideologias a verdadeira face da realidade injusta e perversa a que está submetida a maior parte da população do mundo. Nele, não! O saber para Paulo deveria ser crítico, socializado, partindo da *conscientização*, que se traduz nele num ato, por excelência, de amor, porque através dela se abrem as portas para a consciência crítica, para que todos e todas tenham a possibilidade de saber o que se passa de injusto e perverso, que tem como última instância se alcançar a verdadeira **autonomia** e a **libertação**.

Um dos maiores exemplos de humildade e de amorosidade radical em Paulo foi ter pedido, insistentemente, para que não o repetissem ou o seguissem. Que o recriassem. Que o tomassem como referência teórica se o quisessem, mas não “ficassem” nele, partissem dele para o fascinante mundo da criação e da recriação, pois nunca pensou que tinha dito tudo ou feito tudo.

Sonhando os sonhos possíveis e realizando-os, Paulo se negou sempre a entender a educação como um ato apenas pedagógico, sem enfatizar as naturezas política e ético-estético dela. A sua politicidade, eticidade e esteticidade, mas, acima de tudo, a amorosidade, intrínsecas à educação autenticamente libertadora.

Devo falar sobre a amorosidade na leitura de mundo crítica de Paulo, em sua compreensão teórica do ato de educar, que não deixa de ser amorosa porque científica. Ela tem as seguintes conotações: o educador/a deve criar um clima afetivo e de inquietação em sua sala de aulas que propicie aos estudantes a busca do conhecer com alegria, em co-laboração e sem competições, que estimule a aventura do criar e do recriar, com curiosidade epistemológica e rigorosidade científica; o educador/a necessariamente tem que amar o exercício do ato educativo, tem que ter gosto em ser professor ou professora, e, por fim, ele e ela têm que gostar do que ensinam, têm que saber cientificamente os conteúdos programáticos que ensinam. A amorosidade não significa, na teoria de Paulo, a obrigação de amarmos igualmente a todos os nossos alunos e alunas, mas de respeitá-los e deles cuidar com equidade e amor autêntico.

Assim, Paulo fez-se homem. Fez-se um pensador. Fez-se um educador político ou um político educador: o “pedagogo da consciência ético-crítica”, como o elegeu Enrique Dussel, sem nunca ter desprezado o senso comum que vem do povo. Superou esse saber sem jamais o ter desprezado e ao povo que o criou. Fez-se o homem que por sua sabedoria e compaixão vem sendo procurado por pessoas do mundo todo que precisam de sua presença utópica porque se sentem, de alguma forma, com ele identificado,

na busca de um mundo diferente do de hoje. Fez-se o homem que foi tão fácil de ser compreendido e amado por sua **radical capacidade de amar, que está presente em sua vida e em toda a sua obra.**

Sem nunca ter tido medo ou receio de ser acusado de “romântico” ou um “intelectual de Terceiro Mundo”, Paulo fez ciência, “molhada” no amor. Pelo amor. Com amor. Com amor radical. Pelo amor radical que sempre sentiu pelas pessoas.

Este é o meu testemunho sobre o meu marido face ao amor, ao amor radical, o educador político ---- ou político educador --- Paulo Freire, para mim, simplesmente e amorosamente Paulo.

Para terminar, quero fazer ainda algumas considerações sobre nossos três amigos. Pessoas como Paulo, Pato e Joe não morrem. Estão sempre vivos nos corações e na vida dos que com eles conviveram; na história das idéias pedagógicas, no panteão dos homens que nasceram para fazer o mundo mais bonito e mais humano. Um mundo inteiramente voltado para a Paz e o Amor radical.

Tantas vezes venho me perguntando, desde criança: por que nascemos? Para que nascemos? Para muitas pessoas eu jamais encontrei resposta. Mas para gente como Joe, Pato e Paulo, a resposta é fácil: para fazer o mundo mais bonito e mais humano. Porque, como muito poucos homens, eles souberam amar. Amar com radical força e ternura.

Enfim, Pato e Joe foram, como Paulo, homens que aperfeiçoaram as suas virtudes. Tiveram uma fidelidade enorme a todos e todas de quem foram amigos. Preocuparam-se com os que não conheciam... Como Paulo, lutaram com bondade e retidão de princípios por um mundo mais harmônico e tolerante com as diferenças. Por um mundo mais bonito, mais justo, mais ético. Caminharam, cada um de per si, para uma mesma direção, a da superação constante deles mesmos na busca do Ser Mais. Caminharam pelo caminho dos homens justos, dos homens de bem que querem um mundo novo, pontuado pelo respeito, pela dignificação e pelo amor. Por um mundo, como dizia Paulo, “onde seja mais fácil amar.” Amar verdadeiramente. Com radical amor. É por tudo que eles foram entre nós, que eu os tomei como paradigma do amor radical.

Se para nós, católicos, Jesus é o maior exemplo de amor radical pelos homens e pelas mulheres do mundo, não seria blasfêmia dizer que os exemplos das vidas de Paulo, Joe e Pato são, ousado dizer, abaixo --- ao lado ??? --- do exemplo de Jesus, exemplos maiores do amor radical.

Ana Maria Araújo Freire. Doutora em Educação pela PUC/SP. The Paulo & Nita Freire International Project for Critical Pedagogy – UMcGill, Canadá, Brasil.

Endereço: Rua Sergipe, 424 apto 8B
CEP 01243-000 SÃO PAULO. São Paulo Brasil

E- mail: nirafreire@uol.com.br
